



## Explore o mesmo tema noutras ilhas dos Açores

### ARQUIPÉLAGO DOS AÇORES



6 ilhas têm disponível um roteiro sobre este tema, conheça as nossas tradições.



## Impérios da Graciosa

Impérios dedicados ao culto do Divino Espírito Santo assinalados no mapa.

01. Império do Espírito Santo de Santo Amaro
02. Império do Espírito Santo das Almas
03. Império do Espírito Santo de Santo António da Vitória
04. Império do Espírito Santo das Fontes
05. Império de Nossa Senhora das Dores
06. Império do Espírito Santo da Ribeirinha
07. Império do Espírito Santo de Guadalupe
08. Império do Espírito Santo do Rebenção
09. Império do Espírito Santo da Beira-Mar da Vitória
10. Império do Espírito Santo de Nossa Senhora da Guia
11. Império do Espírito Santo dos Remédios
12. Império do Espírito Santo da Luz
13. Império do Espírito Santo das Pedras Brancas
14. Império do Espírito Santo da Fonte do Mato
15. Império do Espírito Santo dos Funchais



Império do Espírito Santo do Rebenção SANTA CRUZ

Império do Espírito Santo da Ribeirinha SANTA CRUZ



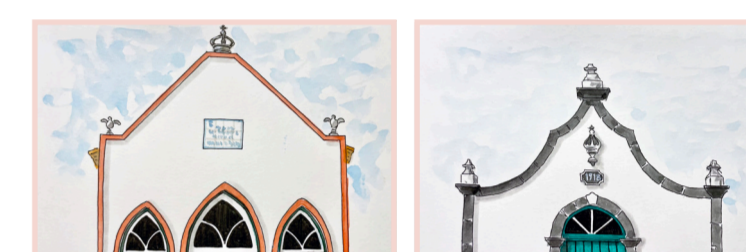
Império do Espírito Santo de Guadalupe SANTA CRUZ

Império do Espírito Santo de N.ª Sr.ª das Dores SANTA CRUZ



Império do Espírito Santo de N.ª Sr.ª dos Remédios SANTA CRUZ

Império do Espírito Santo de N.ª Sr.ª da Guia SANTA CRUZ



Império do Espírito Santo das Pedras Brancas SANTA CRUZ

Império do Espírito Santo de Beira-Mar SANTA CRUZ

## Vivenciar o culto ao Divino Espírito Santo

Desde sempre que as festas em Louvor do Divino incluem uma manifestação clara da abundância. Seja por promessa, em momento de afluência, seja porque Ele merece todas as honras e louvores, os mordomos ou imperadores procuram garantir esses momentos de abundância que, em tempos antigos, contrastavam, realmente, com a rudeza do dia a dia. A ilha Graciosa é mais um daqueles casos em que o tamanho, seja das terras, seja das comunidades, não é, de todo, relevante.

De facto, aqui se encontram, provavelmente, dois casos particularíssimos, do muito que o culto ao Senhor Espírito Santo tem para mostrar, nos Açores.

Um deles, relacionado com as artes mais eruditas, tem a ver com tábuas do retábulo da igreja Matriz de Santa Cruz. O autor, cujo nome ainda não foi descoberto, é citado pelos estudiosos de arte como "Mestre de Arruda dos Vinhos". Artista de fama reconhecida em Portugal, são deste Mestre os seis painéis pintados a óleo sobre madeira, trazidos para a ilha, em pleno século XVI, sendo que o que nos interessa está ao cimo do conjunto, apresentando a descida do Espírito Santo.

O outro caso é, de facto, se não único, muito raro. Trata-se do Império de São Mateus, na Vila da Praia da Graciosa, caso estranhíssimo de um império integrado no edifício da Igreja Matriz. Se há algo de permanente, em todas as atividades e eventos em torno dos festejos em honra do Senhor Espírito Santo, é um certo afastamento mútuo. Embora existam momentos em que a Festa vai à igreja, como o da Coroação, os festejos do Império acontecem, em regra, fora dos templos, tendo como base o local onde a coroa se encontra, seja o edifício do Império, seja a casa do mordomo ou Imperador.

Como comunidades pequenas que são, as da Graciosa, os festejos e celebrações realizam-se essencialmente no tempo próprio, entre a Páscoa e a Trindade, quando a ilha como que explode em pequenos e alegres festejos, aqui e acolá, toda ela acordada e em celebração, regressando, depois, à labuta do dia-a-dia.

Aí surgem as rosquilhas de véspera, a massa sovada, a carne, o arroz-doce, o vinho, os foliões, os terços cantados... tudo o que possa consolidar a ideia de que a alegria existe e a partilha acontece.

No resto do ano, mesmo sem as festividades a acompanhar, alguns restaurantes, desde que tenham tempo para preparar, terão gosto em mostrar aos forasteiros alguma coisa, típica destes dias, sejam as sopas, seja a carne, o arroz-doce, ou, até, as rosquilhas de véspera. É questão de perguntar se fazem e encomendar.



### MASSA SOVADA E ARROZ-DOCE

Cada terra e ilha tem a sua receita de massa sovada, embora, no essencial a base seja semelhante. A da Graciosa, por exemplo, inclui raspa de limão, tem forma arredondada e costuma ser bastante cozida, do que resulta um pão saboroso, mas menos macio. Há quem pincele, por fora e no fim, com manteiga. Quanto ao arroz-doce, ele é cozido e preparado de modo a ficar duro, para se poder cortar com faca e ser servido em tiras ou pedaços. Isso acaba por favorecer um outro costume: na falta de prato para o arroz há quem ponha o seu pedaço em cima de uma fatia de massa sovada e, depois, coma tudo junto, acompanhado com algum líquido, nomeadamente vinho e desejavelmente verdeelho.



### SOPAS DO ESPÍRITO SANTO

Em todas as ilhas as sopas são a rainha. Nos Açores, ilhas e terras onde se produziu muito trigo, a verdade é que a maior parte do cereal era vendido, ou usado para pagar as rendas das terras. O pão de trigo tornou-se, assim, durante décadas, no pão fino e raro, já que muito povo comia apenas pão de milho. Associado à carne e a alguns enchidos, transforma-se assim no alimento desejado e de festa e as Sopas do Espírito Santo no contrário do dia a dia rude. Sopas de trigo e de carne, recordam, ainda, na sua simplicidade, o cerimonial eucarístico.



### ROSQUILHAS DE VÉSPERA

Como o nome indica, são dadas na véspera do dia da Festa. Tradicionalmente as mais procuradas são as do Império da Luz, no sudeste da ilha. São trazidas na véspera da Festa e distribuídas segundo o costume. Enfiadas em varas, costuma ser marcadas com chavões, que têm desenho mais simples do que os de São Jorge. Embora algumas ainda sejam feitas, por particulares e em casa, a maioria é feita, hoje em dia, em padarias, consoante as encomendas, o que não tem significado, felizmente, perda de qualidade.



### O PARÁCLITO

Paráclito deriva do grego parákletos, que quer dizer aquele que ajuda, conforta, anima, protege, intercede. É o título dado, habitualmente, à Terceira Pessoa da Santíssima Trindade Cristã: o Senhor Espírito Santo, como lhe costumamos chamar, nos Açores e é assim que Ele é visto, nestas ilhas.

Os açorianos recorrem a Ele sobretudo em busca de ajuda e ânimo. Porque alguma doença visitou o lar, a vida não corre bem, em tempo de terramotos ou guerra, quando, perante adversidades para o arroz há quem ponha o seu pedaço em cima de uma fatia de massa sovada e, depois, coma tudo junto, acompanhado com algum líquido, nomeadamente vinho e desejavelmente verdeelho.

Desde logo temos as festas que, resumindo, se poderá dizer que são momentos de encontro, de partilha, de irmandade, de alegria e de paz, celebrando-se, todos os anos, entre o Domingo de Páscoa e o Domingo da Trindade, oito semanas depois, recordando, como nos tempos medievais, que todos são dignos de misericórdia, todos são pobres e mercedores de esmola, todos merecem, ao menos uma vez por ano, ter mesa farta e alegre.

Com origens na Itália medieval, as festividades e o culto em honra do Divino chegaram a Portugal ainda nos tempos da primeira dinastia, envolvendo, segundo a tradição, a Rainha Santa Isabel, mulher de D. Dinis. As navegações oceânicas portuguesas trouxeram este culto até as ilhas atlânticas e, desde então, aqui floresce, tendo acompanhado as rotas de emigração açoriana para o Maranhão e Sul do Brasil, para os Estados Unidos, Bermuda e Canadá.

Todas elas implicam, em termos de ações com visibilidade pública, um Peditório e recolha de bens; uma semana de reza do Terço, seja no edifício do Império seja na casa de um irmão que recebeu, em sortes, o direito de ter a Coroa, entronizada em altar, na sua casa; a Coroação e cortejo - momento supremo; uma refeição festiva - a Função, e um Bodo ou dádiva de esmolas de alimentos.

Para apoiar tudo isto são dezenas e dezenas de edifícios onde o império imaterial do Paráclito assenta a sua presença física nas comunidades e há uma variada alimentação ritual associada, com sopas, cuja receita difere de ilha para ilha, alcatra, carne guisada, arroz-doce, alfenim, e uma multiplicidade assinalável de pães de leite, de água ou de massa sovada, de rosquilhas, de bolos de véspera com lindas marcas, etc.

O apego ao Senhor Espírito Santo, enquanto conforto e arrimo, derramou-se, porém, ao longo dos séculos, por imensos e variados aspectos da vida, nas ilhas dos Açores. Em resultado deste modo de sentir, fortemente comunitário e solidário, existem fortalezas, ruas, hospitais, esculturas e talha esculpida, coroas de prata e alfaías, peças de cerâmica decorativa, embarcações e navios, nomes de lugares e de povoados, memórias e histórias, contadas de geração em geração.

O claro tronco comum, apesar da variedade de costumes entre as ilhas, apenas serve para salientar que se trata de um sentimento profundamente unificador e marcante na identidade dos açorianos, cujo fio vale a pena seguir, percorrendo estas ilhas e lugares.

# Explore GRACIOSA AÇORES



NEG NÚCLEO EMPRESARIAL Graciosa





**Altar do Espírito Santo. Igreja Matriz, Santa Cruz**

Do lado do Evangelho, lado esquerdo de quem entra na igreja, existe, nesta Matriz, uma representação da descida do Espírito Santo, ingénua, mas muito importante para se perceber o pulsar deste culto, nos Açores.

Ao centro uma tábua, pintada, representando a descida do Espírito, em Pentecostes, não apenas sobre a Virgem e os 12 Apóstolos, mas sobre mais de 20 presentes no Cenáculo.

Sobre este conjunto aparece a Trindade, com Cristo de um lado, Deus pai, do outro, e a clássica pomba do Espírito Santo, irradiante, ao centro.

Finalmente, num medalhão central, já junto ao teto, temos o remate, esse, sim, bem conhecido nestas ilhas dos Açores: uma pomba branca sobre uma coroa de prata.

Se estiverem sobre a mesa do altar três coroas do Espírito Santo, com cetro e salva, como é costume, importa olhar, porque todas são diferentes na tipologia, testemunhando como tem sido o evoluir da arte de representar, entre nós, o Império do Divino.



**Império da simplicidade.**

**Beira Mar da Vitória, Guadalupe**

Nunca é demais salientar até que ponto a ideia de imaterialidade, subjacente a todos estes festejos e manifestações em louvor do Senhor Espírito Santo, acaba por marcar, por vezes, a própria arquitetura. Se a Festa implica alegria e fausto, o edifício pode ser de uma singeleza impressionante. É o caso deste Império, dito "da Beira Mar", construção singela e sem janelas, denotando a simplicidade do espaço, por contraste com a alegria das festas. O essencial, porém, está lá presente, com a coroa, em alto relevo de pedra esculpida, símbolo bastante e agregador de todas as alegrias e festejos.



**Tábua do Espírito Santo. Igreja Matriz, Santa Cruz**

Atribuída ao "Mestre de Arruda dos Vinhos", pintor português de meados do século XVI, cujo nome ainda não pôde ser absolutamente confirmado, a qualidade da pintura destes seis painéis merece a visita, pois embelezam sobremaneira o altar-mor com o seu gosto plenamente renascentista e já a caminho do maneirismo. A obra, segundo Hipólito Raposo, terá sido encomendada por D Álvaro Coutinho, 4º Capitão do Donatário da ilha Graciosa, por volta de 1550 e destinada à Matriz, tendo em conta a invocação da própria igreja. A tábua que nos interessa aqui está ao cimo e ao centro, e a temática é diferente das restantes, que tratam, todas, da Santa Cruz, desde o caminho do Calvário até à lembrança do seu exalçamento, pelo imperador Bizantino Heráclio. Nessa tábua vemos a descida do Espírito Santo, em dia de Pentecostes.



**O retorno do Verdelho, Santa Cruz**

A produção de vinho, na ilha Graciosa, é conhecida desde o povoamento. Usam-se as curraletas, de formato quadrangular, como base de instalação e procura-se, com isso, proteger as vinhas do vento e da ressalga, enquanto recolhem e guardam o calor do Sol. As características geomorfológicas e climáticas da ilha favoreceram, também desde cedo, a boa opinião de locais e forasteiros acerca dos vinhos aqui produzidos. Os tempos, porém, nem sempre são favoráveis. A produção entrou em decadência com o aparecimento da filoxera, no século XIX, dando entrada ao vinho americano, dito "de cheiro", e as castas antigas permaneceram, mais por teimosia e apreço ao valor cultural do vinho da ilha do que por qualquer outra razão. A atual recuperação dos vinhos de qualidade, na Graciosa, garante que o vinho tradicional, nomeadamente o verdelho, voltará às mesas da Festa, para alegria de todos.



**O Divino em folha de Flandres.**

**Museu da Graciosa, Santa Cruz**

Em todas as ilhas conserva-se a memória dos tempos em que as coroas eram de folha de flandres, ou seja de lata, e não de prata. A pobreza era muita e o culto e festejos, de base popular, nem sempre bem vistos pela hierarquia da Igreja Católica. Haveria razões, porque a folia era vista como demasiada, em época onde o rigor do Concílio de Trento recomendava mais sacrifícios, mas decerto, também, o tato foi pouco, na procura de soluções. O facto é que, sendo os sacerdotes oriundos das comunidades locais, perante a exigência de coroas de prata para que a dignidade do culto fosse garantida, encontraram maneira de fornecer, às comissões dos impérios, coroas desse metal nobre, de imagens caídas em desuso. Hoje, são todas de prata, tendo evoluído de quatro hastes, mais reais, para seis, mais imperiais. As antigas, algumas, estão hoje em museus, a lembrar um tempo mais difícil, onde a alegria da presença do Divino era, quase, o único momento de alívio, no ano.



**Império de São Mateus, Praia**

Muito embora o culto ao Senhor Espírito Santo seja católico e cristão, as cerimónias e atividades relacionadas com as festas em honra do Divino costumam guardar, sempre, uma certa distância da igreja propriamente dita e garantir uma individualidade de forma. O Império de São Mateus é, porém, aquela exceção que confirma a regra. Trata-se do único exemplar, nos Açores, de um império integrado no próprio edifício do templo, garantindo, até, o equilíbrio arquitetónico do todo, já que, do outro lado, está a sacristia. Não se lhe conhecem festejos, pelo menos recentes, mas a individualidade da forma e do querer ser diferente permanece, apesar de tudo, por exemplo no remate em ogiva das janelas, que não tem paralelo em mais nada, no resto do edifício.



**O Porto das Vacas, Praia**

Chegar junto do miradouro do Ilhéu da Praia, pode resultar de querer ver mais um dos muitos locais protegidos e integrados nos parques naturais dos Açores. Todavia, há uma memória, das muitas que estas ilhas guardam, relacionada com o Espírito Santo, e que envolve o Ilhéu. Conta-se que, numa certa ocasião, um mordomo colocou, como era costume, algumas vacas a engordar nas verduras do Ilhéu, em preparação para as esmolas de carne que ia dar, por ocasião da Festa. Levantou-se, porém, um mau tempo, e era impossível ir buscá-las, no dia aprazado. Falho de recursos, mas empenhado, lá conseguiu arranjar outros, em substituição. Eis que, para espanto de todos, as vacas se deitaram a nadar e vieram ter a terra, mesmo a tempo de serem mortas e a carne distribuída. Há, por isso, quem chame o Porto das Vacas a esta zona aqui próxima, aonde, segundo a tradição, vieram ter os animais.



Farol da Ponta da Barca

**Santa Cruz da Graciosa**



**O Espírito em pedra do chão, Ribeirinha**

O interesse e amor pelo trabalho da pedra, seja em calçada decorativa, seja em muros, aparelhados ou de pedra seca, tem forte tradição na ilha Graciosa. Encontram-se, por toda ela, espalhados, diversos exemplos de grande qualidade. Esta calçada, fronteira à igreja da Ribeirinha, bem poderia ser apenas de pedra preta, basáltica. No entanto, o gosto pelo trabalho bem acabado e por querer acrescentar, sempre, mais um pormenor de qualidade, levou a que aqui fosse inserida uma pomba, em calcário, representando o Divino Espírito Santo e como que querendo ligar e embelezar o percurso entre o edifício da igreja e o do império. As pedras brancas, bem niveladas e apertadas, facetadas de modo irregular, sem frinças entre elas e colocadas a matar bem as juntas, criam uma imagem do Divino diferente, numa pequena lição de calçada portuguesa.



Ilhéus de Baixo